

TERCEIRA IDADE, EDUCAÇÃO SOCIAL E INCLUSÃO DIGITAL: UMA ANÁLISE PAUTADA NO PROJETO “SEMPRE É TEMPO DE SABER”

*Sibila Nielsen Yabu**
*Nájela Tavares Ujje***

Introdução

A informatização da sociedade contemporânea abriu um espaço importante para novas formas de comunicação através da internet. Entretanto, as pessoas que não têm acesso a esta tecnologia tornam-se participantes da mais moderna categoria dos excluídos sociais, conhecidos como excluídos digitais ou analfabetos tecnológicos, da qual a terceira idade é parcela representativa.

Com o passar dos anos, as pesquisas demográficas demonstram o crescimento da população idosa em todo o mundo, no Brasil, os levantamentos censitários do IBGE em 2010, também evidenciam o aumento da parcela populacional da terceira idade. Os dados demonstram que a nova expectativa de vida do brasileiro é de 73,1 anos. A menor taxa de mortalidade prevalece com as mulheres, que representam 55,8% das pessoas com idade acima de 60 anos. Pela pesquisa ficou avaliado que a expectativa de vida feminina passou de 73,9 anos para 77 anos, e dos homens, passou de 66,3 anos para 69,4 anos. Os dados do IBGE mostram ainda que a queda da fecundidade no país tem feito subir o número de idosos, que passou, entre 1999 e 2009, de 6,4 milhões para 9,7 milhões. Em termos de percentuais, a proporção de idosos na população nacional brasileira subiu de 3,9% para 5,1%. (BRASIL, 2010).

O aumento da terceira idade, porém, não garante sua inserção social e qualidade de vida, a maior parte desse público tende a ser excluída pelas alterações funcionais decorrentes da idade, tais como: diminuição da acuidade visual, da audição, da autoestima, da coordenação motora, redução das capacidades de memória de curto tempo e da concentração, entre outras. Tal fato não significa que os idosos aceitem com passividade a condição de exclusão. Podemos destacar o idoso como um

* Graduada do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras (UNESPAR/FAFIUV), União da Vitória-PR. E-mail: sibilayabu@yahoo.com.br.

** Mestre em Educação. Docente e Vice Coordenadora do Colegiado de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras (UNESPAR/FAFIUV), União da Vitória-PR. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa “Práxis Educativa Infantil: Saberes e Fazeres da/na Educação Infantil” (GEPPEI) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação: teoria e prática (GEPE), ambos vinculados ao CNPq. E-mail: najelaujje@yahoo.com.br.

interessado em conquistar/manter sua autonomia, inclusive diante dos avanços tecnológicos e do computador.

As pessoas, quando se aposentam, passam por muitas transformações, e uma delas é sentirem-se fora do contexto social, devido a sua retirada do convívio dominante do espaço público, para passar a experimentar mais intensamente o âmbito privado e doméstico. Durante o percurso de suas vidas, em função do trabalho, nem sempre tiveram a chance de se atualizar nos avanços da tecnologia e da sociedade. O acesso a serviços públicos estão cada dia mais informatizados, como é o caso dos bancos, por exemplo, no qual recebem a aposentadoria. Fica visível que o analfabetismo funcional tecnológico é um fator que cria muita dependência para os idosos e diminui ainda mais a sua autoestima e condições de autonomia.

A difusão das redes sociais informatizadas na sociedade abriu um espaço grandioso para as novas formas de comunicação, que utilizam a internet, ferramenta dinâmica, interativa, com grande potencialidade de disseminação e democratização ao acesso às informações e aproximação de pessoas distantes, desde que se saiba como se utilizar dessa ferramenta tecnológica.

O idoso pode e deve beneficiar-se dessa inovação tecnológica. Contudo, a fim de promover a inclusão do idoso no contexto do mundo digital, deve-se, acima de tudo, levar em conta sua história de vida, suas alterações cognitivas, psicológicas, emocionais, físicas e educacionais. Com este afincado a Pedagogia Social, de acordo com Silva (2009), no que tange o domínio sociopedagógico propõe dar subsídio à educação voltada à terceira idade em atendimento a suas demandas.

Diante do exposto, esta pesquisa tem por objetivo discutir a ação da Educação e/ou Pedagogia Social para a terceira idade, tendo por pauta compreender como se processa a aprendizagem nesta fase da vida, bem como demonstrar os benefícios da alfabetização digital, para melhora da qualidade de vida dos idosos, estímulo cognitivo e favorecimento da interação social.

Este trabalho teve como metodologia a pesquisa qualitativa, com uma fase de levantamento bibliográfico através do qual buscamos construir sua base de apoio. De acordo com Minayo (1994, p.40), "A definição teórica e conceitual é um momento crucial da investigação científica. É sua base de sustentação." A pesquisa bibliográfica possibilita aprofundar o conhecimento sobre o tema da terceira idade e sobre a alfabetização digital, para que se possa traçar um paralelo com a realidade e chegar a novas conclusões. Para Lakatos (2003, p.166), "[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob o novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras".

No que configura o enfoque metodológico da pesquisa teremos por pauta também o trabalho de campo, que se delineia por um estudo de caso etnográfico, conforme Ludke e André (1986), o qual se constitui por uma investigação com duração aproximada dois anos, de março de

2011 a novembro de 2012, junto ao Projeto Sempre é Tempo de Saber, do Curso de Pedagogia, da UNESPAR/FAFIUV. Para Lakatos (2003), a pesquisa de campo tem a finalidade de obter informações para dar respostas a respeito do assunto escolhido como tema para pesquisa.

Pesquisa de Campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comparar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS, 2003, p. 186).

O modo de investigação utilizado teve por foco a observação participante das práticas nas aulas com os idosos, a captação de dados via um questionário semi-estruturado respondido por eles, entrevista com as monitoras-voluntárias e análise de conteúdo do conjunto dos documentos do projeto.

Os estudos de caso visam à descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo. O quadro teórico inicial servirá de esqueleto, de estrutura básica a partir da qual novos aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance. (LUDKE e ANDRE, 2010, p.18).

A estrutura do artigo apresentado será composta por quatro tópicos na seguinte ordem: o primeiro tem por finalidade explicitar a definição e os delineadores legais para a categoria geracional, terceira idade; o segundo tópico será dedicado para vinculação da terceira idade e a educação e/ou pedagogia social: compreensão de indicadores analíticos; como terceiro momento teremos a discussão acerca da alfabetização e/ou inclusão digital na terceira idade; no quarto e último tópico, evidenciaremos o Projeto Sempre é Tempo de Saber como espaço de análise e ponderações do estudo. Ao final do artigo serão realizadas considerações percucientes à temática.

Terceira idade: definição e delineadores legais

Não há um marco cronológico preciso da chegada da terceira idade para os indivíduos, ela se estabelece ao sabor da economia, das práticas sociais e da subjetividade humana, embora o indicador social seja a maioridade de 60 anos.

Fortemente influenciada pelo avanço dos debates internacionais sobre a questão do envelhecimento, foi aprovada, em nosso país, em 4 de janeiro de 1994, a Lei 8.842, que instituiu a Política Nacional do Idoso (PNI) e posteriormente o Estatuto do Idoso, de 1 de outubro de 2003, a Lei 10.741, sendo que este documento:

compilou, em uma única e ampla peça legal, muitas das leis e políticas já aprovadas e incorporou novos elementos e enfoques, dando um tratamento integral, com visão de longo prazo, ao estabelecimento de medidas que visam proporcionar o bem-estar dos idosos brasileiros. Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 2003, p. 2)

O Estatuto do Idoso é uma conquista da sociedade brasileira como política pública de inserção social e, vem cumprindo com eficácia seu papel em prol da população envelhecida, ao estabelecer direitos e deveres e definir punições aos que os violarem.

Porém, a pessoa idosa não se torna ciente e crítica de seus direitos por estes constarem na lei, faz-se necessário que a educação favoreça essas mudanças. De acordo com Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2012, p. 369) “[...] para que haja mudança de paradigma, passando do idoso inativo para idoso participativo, é necessário que a educação se atrele a esse processo e possibilite que as mudanças possam ocorrer”.

Petrus (2003, p. 86) afirma que “[...] as pessoas idosas têm direito a “liberdade”, tem direito a responder de maneira autônoma frente às situações da vida cotidiana”. Embora a liberdade, pontuada por Freire (2005), consista em reconhecer as próprias limitações. Temos de recuperar as pessoas idosas como força social. Os idosos podem ser hoje mais do que nunca, um fator de equilíbrio em nossa sociedade. E podem sê-lo porque:

- Têm inapetências de poder;
- Fazem as coisas com um senso mais ético e solidário;
- Desfrutam de certa tranquilidade frente à vida acelerada de outros grupos de menos idade;
- Têm equilíbrio frente a certas atitudes da vida.

É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. [...] Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 2005 p. 47).

Portanto, podemos concluir que a pessoa, por estar aposentada, não deverá deixar de fazer parte do mundo e da sociedade, certamente mudarão os seus relacionamentos e o importante é que estejam abertas para essas transformações.

Para Freire (2005, p. 48-49):

No ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, por outro lado da descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, varando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã.

Partindo dessa reflexão o aposentado perceberá que a vida não acabou, que agora poderá se aventurar em novas descobertas e o que menos importa é a sua idade, basta um impulso e a vontade de prosseguir.

Freire (2005, p. 54), pondera que “[...] nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. Ele implica realmente nessa marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novas tarefas”.

Se o aposentado ou o idoso tem tempo livre, que este seja bem aproveitado. Está comprovado que ser idoso não é ser menos capaz, a incapacidade está na mente de quem não tem autoestima. O adulto parece mostrar necessidade de sentir-se imprescindível. Barros (2005, p. 96) evidencia que “[...] o adulto precisa sentir-se necessário. Quando isso não acontece, ocorre uma sensação de estagnação e de infecundidade e de não produtividade”.

Podemos perceber, em contato com aposentados participantes e ativos, que frequentam grupos de terceira idade, praticando atividades de dança, pintura, ginástica, que estes são felizes e que, por outro lado, os que se isolam parecem sentirem-se menos úteis para a sociedade e assim, gerando infelicidades, o que pode acabar na somatização, acarretando doenças.

De acordo com Erikson, apud Barros (2005 p. 96), em Desenvolvimento Psicossocial e as Oito Idades do Homem, é denominada como a integridade do ego *versus* a desesperança, e essa se dá após os sessenta anos. E nesse preâmbulo explicita que: “O adulto que tiver resolvido satisfatoriamente todas as crises anteriores e adquirido o senso de ajuda e solidariedade aos outros, terá atingido a integridade pessoal necessária para encarar a crise final, ou seja, a de sua desintegração e morte”.

Dessa forma, podemos concluir que quem resolveu satisfatoriamente todas as idades está “de bem consigo mesmo” e vive cada dia para realizar experiências novas, sem a preocupação do dia seguinte e com muito menos medo do futuro.

Mas fica a questão: Como são realmente os idosos, será que os compreendemos, ou os definimos de acordo com as nossas percepções, já marcadas por pré-concepções em relação ao que seja a velhice? De acordo com Petrus (2003, p. 81- 82),

O que é a velhice? perguntamo-nos com frequência. Em princípio, podemos afirmar que se trata de uma *construção*. Nós ao definir a velhice, criamos a “realidade” deste grupo de pessoas. Condicionamos suas atividades, sua perspectiva de vida, sua maneira de situar-se frente à sociedade. As pesquisas, as teorias e as definições da velhice, ditam o que é e como

as pessoas idosas devem se comportar. O que *envelhece*, em muitos casos, é o conceito de idade.

Ao referenciar e definir os idosos devemos nos restringir aos fatos que caracterizam uma fase da vida, que é dinâmica, e não usar uma forma de rotulação, que poderá reverter-se numa situação prejudicial à concepção social da terceira idade. Que é uma categoria geracional, a qual se compõe de uma síntese de múltiplas determinações constituídas ao longo de toda a vida.

Definindo-as positivamente, e não por desvinculação ou precariedades, ajudaremos a que as pessoas idosas adotem uma atitude mais participativa e sejam cidadãos de pleno direito. Somente assim, por outro lado, aprenderemos a envelhecer satisfatoriamente. Em resumo: as pessoas idosas têm o direito a ser definidas como uma categoria independente, própria, não em função ou comparação com o “adulto”. (PETRUS, 2003, p. 83).

Ao darmos uma definição positiva para a velhice favorecemos que as pessoas idosas poderão ter uma atitude mais participativa e exercer sua cidadania, de pleno direito. Com relação ao Estatuto do Idoso:

Sua principal missão é garantir que os direitos das pessoas idosas sejam cumpridos e respeitados [...] É dever da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, a efetivação do direito à saúde, à alimentação, à cultura, à educação, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, p. 1).

O Conselho Estadual do Idoso (CEI), integrado por representantes de secretarias estaduais e de organizações da sociedade civil, tem como função articular projetos e atividades que possam contribuir para a solução de problemas que afetam essa parcela da população. Sua finalidade é articular, mobilizar, estimular, apoiar e deliberar sobre questões relativas à Política Estadual do Idoso, em todas as suas instâncias e em consonância com a Política Nacional do Idoso. Entre suas atribuições incluem-se ainda: a organização de campanhas de conscientização e programas educativos com vistas à valorização dos idosos, a mobilização das comunidades interessadas na problemática dos mesmos, e o incentivo ao desenvolvimento de projetos que incrementem sua participação nos diversos setores da atividade social.

Podemos perceber que a velhice, embora seja uma época da vida na qual podem haver situações de maior fragilidade e de vulnerabilidade, também pode ser alvo de interpretações errôneas quanto à dimensão dessas fragilidades e vulnerabilidades. O que se pode afirmar é que as pessoas idosas são cheias de experiências, vivências, cultura e de história. As contribuições das pessoas da terceira idade são importantes para a sociedade e, teriam que ser não só reconhecidas, como também ser promovidas.

Segundo Petrus (2003, p.82-83) a demarcação da velhice tem diferenciações de país para país, na Espanha:

Por decreto a velhice se inicia aos 65 anos, se bem que na Europa a aposentadoria pode se situar entre os 60 anos na França, e os 67, na Dinamarca. Pode ser diferente, inclusive, para homens e mulheres ou conforme os profissionais. Entretanto, é evidente que o grau real de velhice não depende da idade de aposentadoria nem tampouco dos anos vividos.

A inculcação ou não da fragilidade e “decadência” associada à velhice é um processo subjetivo, um estado de espírito, constituído por representações sociais, pois com a mesma idade algumas pessoas se mostram mais “velhas” do que outras. O avanço dos anos pode promover a degeneração maior do corpo biológico, mas por outro lado a incorporação, ou não da velhice está na mente dos indivíduos e nas formas de integração social vivenciadas ao alcançarem a terceira idade. Compreender os elementos constitutivos desta fase da vida, que é a terceira idade, é extremamente profícuo para compreensão do ser humano em integralidade. No tópico subsequente primaremos por articular a educação e/ou pedagogia social à terceira idade.

A terceira idade e a educação e/ou pedagogia social: confluências analíticas

Podemos afirmar que o idoso é rico em vivências, experiências e culturas, algo que não podemos dispensar. Ele é conhecedor de história, de conhecimentos por ele adquiridos no decorrer de sua existência e isso deve ser valorizado e resgatado pelos adultos e crianças hoje, os quais virão a ser idosos no futuro. Dessa maneira concluímos que, em vez de falar de idosos, seria muito proveitoso falarmos com os idosos, para ouvi-los com todo o respeito, quando relatam histórias das trajetórias de suas vidas.

Como afirmam Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2012, p. 355), “[...] a sociedade atual tem se caracterizado pela desigualdade e por conflitos”. A idade não pode ser considerada como aspecto negativo, mas focalizada como sinônimo de experiência, sabedoria acumulada ao longo dos anos, que os idosos podem transmitir aos mais jovens.

De toda forma, o idoso tem direitos, e estes precisam ser continuamente discutidos e respeitados pelas políticas públicas.

Considera-se que o grande número de pessoas idosas, em um país em desenvolvimento como o Brasil, apresenta-se como uma questão social de grande relevância e precisa entrar na pauta das discussões das políticas públicas brasileiras. (OLIVEIRA, SCORTEGAGNA E OLIVEIRA, 2012, p. 350).

Com o passar dos anos podemos perceber o crescimento da população idosa em todo o mundo, porém a maior parte desse contingente tende a se sentir excluída pelas alterações funcionais decorrentes da idade. De acordo com Petrus (2003, p. 88), “[...] se desejamos uma sociedade de todos e para todos, é preciso iniciar ações educativas que potenciem a participação cidadã de todas as pessoas desconsiderando, portanto, sua idade.”. Ainda:

É função da educação social é evitar que as pessoas idosas sejam meras receptoras passivas e fomentar que adotem uma posição ativa na identificação e solução dos problemas que lhes afetam. É importante não transformar algumas de nossas instituições sociais em espaços de desvinculação para as pessoas idosas. Se queremos uma sociedade para todas as idades, instituições e espaços sociais tão importantes como centros municipais, as escolas, as universidades deveriam permanecer realmente abertas para as pessoas idosas. É preciso fazer uma autêntica educação social pensada e planejada para as pessoas idosas (PETRUS, 2003, p. 88-89).

Para a Educação Social o idoso faz parte da inclusão, em todos os sentidos. Observamos que a educação não formal, em confluência com a educação e/ou pedagogia social, está endereçada à população menos favorecida junto à sociedade, da qual faz parte a terceira idade, e tem por foco a sociabilidade humana.

A educação social designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Em suma, consideramos a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social. (GOHN, 2006, p. 2).

Segundo Freire (1996, p. 27), “a educação é uma resposta da finitude da infinitude”, pois o sujeito humano é incompleto, e encontra nos processos educacionais pressupostos para suprir sua constituição pessoal inacabada, independente de sua idade ou situação social. A sociedade se caracteriza pela desigualdade e por conflitos e a idade não pode ser considerada como aspecto negativo. Neste sentido, o idoso, enquanto sujeito, tem inúmeros direitos, inclusive relacionados à questão educacional.

Ainda não existe uma política pública específica para o idoso na área da educação social. Mas, há políticas gerais que contemplam e fazem referência ao direito a educação ao idoso, respeitando a peculiar condição de sua idade, como evidencia o Estatuto do Idoso (Lei 10741/03), nos artigos 20 ao 25.

De acordo com exposto por Silva (2009), a Pedagogia Social em seu domínio sociopedagógico, tem como área de atuação a Terceira Idade, considerada como população vulnerável devido a situações de exclusão social.

O domínio sociopedagógico tem como áreas de conhecimento a Infância, Adolescência, Juventude e Terceira Idade. A interação sociopedagógica neste domínio tem como objetivo principal o desenvolvimento de habilidades e competências sociais que permitam às pessoas a ruptura e superação das condições de marginalidade, violência e pobreza que caracterizam sua exclusão social. (SILVA, 2009, p. 309).

Dessa forma fica claro que a Pedagogia Social atua nas áreas onde as pessoas se encontram marginalizadas e desprovidas de direitos, e a Terceira Idade é uma categoria geracional que se encontra nesta situação devido as suas possíveis fragilidades, ao contexto social e, mais especificamente, às defasagens em relação às novas tecnologias digitais. Considerando o exposto, no tópico a seguir dedicaremos atenção a articular a inclusão e/ou alfabetização digital na terceira idade, seus aspectos definidores e constitutivos.

Inclusão e/ou alfabetização digital na terceira idade

A inclusão digital objetiva capacitar o indivíduo a lidar com as tecnologias informacionais. A esse respeito, Park (2003, p. 173) afirma que: “A inclusão digital visa prover acesso universal à infraestrutura tecnológica que sustenta as redes de informação e capacitar o indivíduo a lidar com estas tecnologias”.

O ensino da informática para a terceira idade pode ajudá-los na reinserção social através do favorecimento à liberdade nas suas ações, na socialização por meio da aprendizagem do uso das redes sociais e também dar-lhes a oportunidade de aquisição de novos saberes.

Porém, a fim de promover a inclusão do idoso no contexto do mundo digital deve-se, acima de tudo, levar em conta sua linguagem, sua história de vida, suas alterações cognitivas, emocionais e físicas, entre outras. É importante também, somado às características citadas, mapear os princípios pedagógicos orientadores e facilitadores da aprendizagem do idoso. A participação das pessoas idosas no convívio social implica em algumas dificuldades, devido ao fato de uma integração social demandar uma mudança contínua de valores e conteúdos de uma sociedade global. O que em uma pessoa cujos costumes adquiridos durante uma vida inteira já estão moldados pode ser de difícil consecução, em termos educacionais.

É evidente que a educação social deve ter na inclusão, na igualdade e na participação social seus principais referenciais. Participação que, naturalmente, implica certa dificuldade para

as pessoas idosas, já que se integrar em uma sociedade em contínua mudança, em certos valores e conteúdos de uma sociedade global, e fazê-lo a partir de certos esquemas arraigados ao longo de toda a vida, é sempre educativamente complicado. (PETRUS, 2003, p. 89).

Diante dessas observações e por meio das características e das necessidades determinadas desse grupo de usuários (os idosos), uma ação educativa voltada à alfabetização e/ou inclusão digital, inicialmente, deve identificar as dificuldades sentidas durante a interação do idoso com o computador e suas ferramentas.

No que tange ao apoio metodológico ao ensino e à prática educativa voltada à terceira idade devemos buscar respaldo na andragogia, a qual Bellan (2005) define como sendo um conjunto de métodos utilizados para ensinar adultos, com enfoque em alguns aspectos: no que se refere à zona de conhecimento proximal (VYGOTSKY, 1989), à afetividade (WALLON, 1975) e à socialização, que se refere aos aspectos ligados ao respeito e à realidade da pessoa (FREIRE, 1996). Pois só com o dimensionamento exposto configuraremos uma ação pedagógica de respeito à pessoa idosa e à terceira idade.

Podemos afirmar que a demanda interativa da sociedade em rede e digitalizada faz emergir a necessidade de cursos específicos para atender aos idosos interessados em desmitificar seu “anacronismo” em relação às tecnologias e aprender a interagir com o computador. Para que o idoso tenha acesso a essas informações é muito importante que ele frequente grupos, que possibilitem esse aprendizado. Nessa perspectiva, no tópico subsequente delinearemos a ação educativa no âmbito do Projeto Sempre é Tempo de Saber.

O projeto “Sempre é Tempo de Saber” como âmbito de análise

O “Projeto Sempre é Tempo de Saber: Alfabetização e Inclusão Digital para a Terceira Idade” é um projeto extensionista desenvolvido desde 2002 pelo Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, Campus da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória-PR (UNESPAR/FAFIUV). O projeto se desenvolve nas dependências da FAFIUV, no laboratório de informática do Colegiado de Pedagogia, com horários pré-estabelecidos, tendo como público alvo pessoas da terceira idade, dos municípios de Porto União-SC e União da Vitória-PR.

Para as aulas de informática básica, desenvolvidas no período compreendido de março de 2011 a novembro de 2012, contou-se com a contribuição da professora coordenadora do projeto, de quatro monitoras-voluntárias do Curso de Pedagogia e um contingente de 19 idosos inscritos, 5 homens e 14 mulheres, sendo este o universo de sujeitos da pesquisa apresentada.

Conforme Guerra (2012, p. 7)

Todas as atividades feitas em aula são registradas em Diário próprio, bem como o registro de frequência dos alunos inscritos e dos voluntários, os quais encontram-se a disposição. Os Monitores Voluntários têm reuniões periódicas com o proponente do Projeto e preparam as atividades das aulas em sua residência, acarretando nisso uma disponibilidade e uma abnegação sem par. Por meio deste projeto buscamos melhor compreender o trabalho do professor na educação para a Terceira Idade, bem como formas de aprendizagens destas pessoas.

As abordagens de ensino-aprendizagem do projeto foram fundamentadas em educadores que proporcionam um diferencial na aprendizagem de adultos. O eixo norteador da ação docente, junto ao Projeto Sempre é Tempo de Saber, tem respaldo na andragogia, de Bellan (2005), definida como conjunto de métodos utilizados para ensinar adultos, com enfoque em alguns aspectos: na zona de conhecimento proximal (VYGOTSKY, 1989), na afetividade (WALLON, 1975) e na emancipação e socialização ligada ao respeito e à realidade da pessoa (FREIRE, 1996), como anteriormente mencionado.

Assim, o enfoque de trabalho é a prática pedagógica de vertente social, acompanhada de respeito e amor. As monitoras-voluntárias acompanham as aulas, para dar as orientações referentes ao uso das ferramentas do computador, porém, é o aluno-idoso que determina o que quer trabalhar durante a aula. Percebe-se que ele tem prazer em frequentar o curso e sente-se realizado ao aprender o conteúdo por ele escolhido.

Conforme Petrus (2003, p. 90), “[...] para envelhecer satisfatoriamente, é necessário ter uma atitude positiva e aberta frente à vida, assim como fazer parte e se sentir parte da sociedade.” Durante conversas com os idosos que frequentam o curso pode-se perceber a importância que tem para eles usar o computador, e quais suas metas e seus objetivos para esse novo saber. Suas falas evidenciam o exposto:

Agora já não dependo mais de meu neto para ligar o computador. (M. L.)

Acesso as redes sociais sem depender da ajuda de terceiros. (A. B.)

Já estou respondendo a e-mails que recebo dos familiares e amigos. (M. L.)

Sinto-me realizado em saber usar as ferramentas do computador. (J. A. S.)

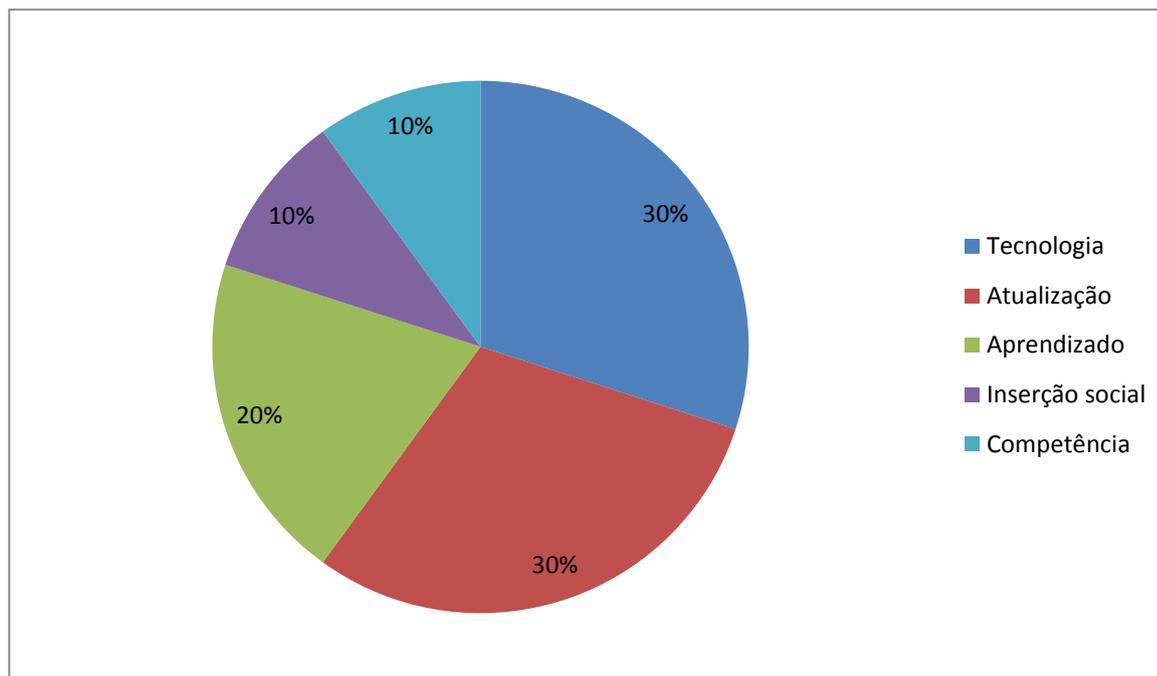
Estou orgulhosa de mim mesma, fui alfabetizada já adulta e escrever pelo computador me ajuda muito. (N. M.)

Através da análise documental dos registros de turma, feitos em diário de classe, podemos destacar algumas peculiaridades observadas com relação ao comprometimento e a responsabilidade dos idosos em justificar suas faltas, que em geral ocorreram devido as suas fragilidades com

doenças, viagens para visitar parentes, cuidado com familiares (netos) e atividades sociais. No que converge à análise de assiduidade pode-se perceber uma média de frequência em torno de 50% por aluno-idoso.

Ao tabularmos os questionários aplicados aos alunos-idosos, em novembro do ano letivo de 2011, pudemos chegar aos dados que apresentaremos na sequência, mediante o elencar de categorias de análise de conteúdo, em acordo com Bardin (1977).

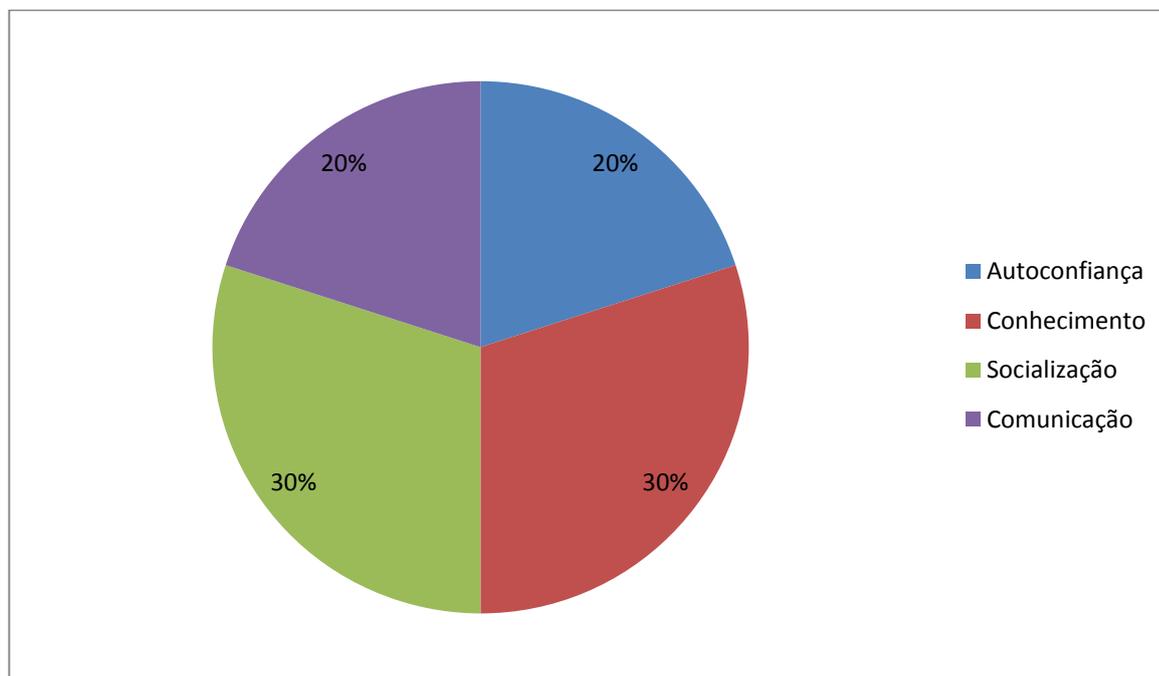
Gráfico 1 – Importância da Alfabetização Tecnológica no “Projeto Sempre é Tempo de Saber”



Fonte: Dados coletados via questionário aplicado pela pesquisadora em novembro de 2011.

Pelo exposto no gráfico acima podemos perceber que a importância da alfabetização digital para os idosos tem vários significados, conhecimentos sobre as tecnologias, sentir-se atualizado, ter novos aprendizados, estar inserido na sociedade e adquirir novas competências. Seja qual for a interpretação do grau de importância, estas apontam para o indicativo de inserção social e cidadã no mundo contemporâneo.

Gráfico 2 - Contribuições da Alfabetização Tecnológica no “Projeto Sempre é Tempo de Saber”.

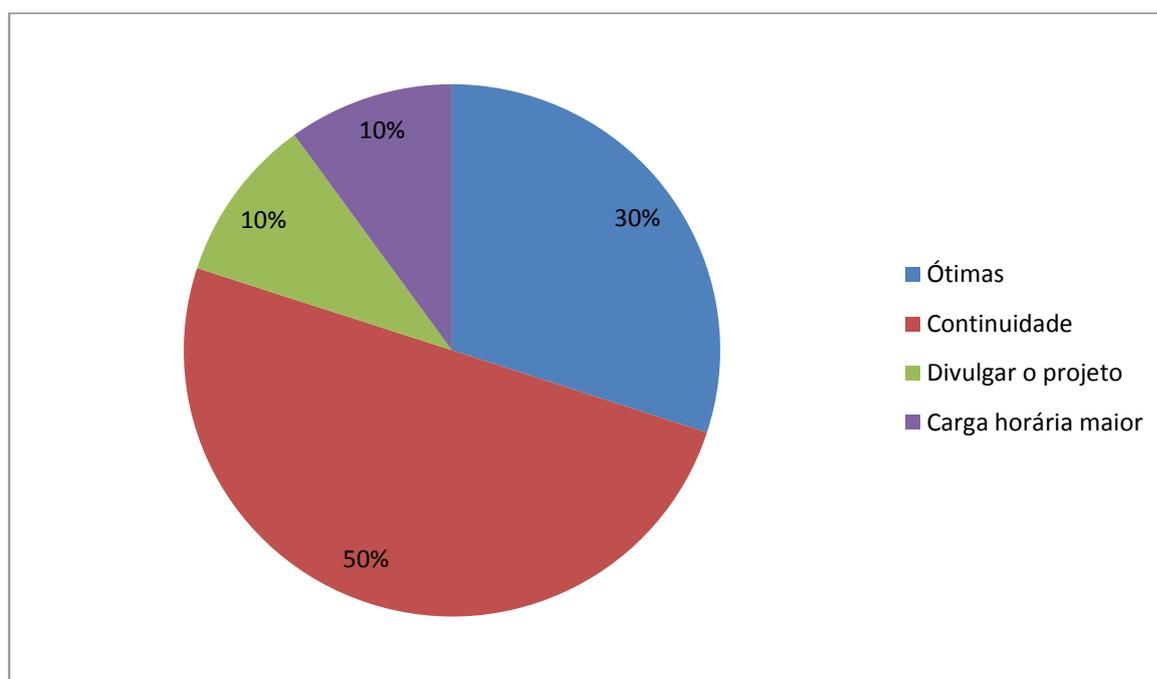


Fonte: Dados coletados via questionário aplicado pela pesquisadora em novembro de 2011.

Conforme dados analisados no gráfico 2, as contribuições que a alfabetização tecnológica traz para os idosos são a autoconfiança, o que fica muito evidente no comentário de O. S.: “*Estou vendo que ainda sou capaz de aprender coisas novas*”.

Os novos conhecimentos adquiridos no projeto ampliam seus conhecimentos, permitindo uma nova socialização, através das redes sociais, como uma forma de comunicação virtual, com parentes que residem em outras cidades e, também, encontrar amigos que não viam há muito tempo. Os novos conhecimentos também permitem ao idoso o acesso a várias formas de lazer, tais como jogos, passatempos, pesquisas, conversas com os amigos e parentes, e, neste caso, não é necessário sair de casa, o que pode ser uma vantagem, dependendo da situação. Porque uma das fragilidades dos idosos é a dificuldade de locomoção, a qual se complica ainda mais ao longo do tempo, o que condiciona algumas atividades relacionadas como ir e vir sem a ajuda de terceiros. A velhice passa por etapas e cada uma delas corresponde a uma realidade diferenciada. Com esta observação queremos destacar que o idoso deve aproveitar a chance de adquirir novos saberes nessas etapas e considerando as aulas de informática é importante que o idoso possa acompanhá-las de forma prazerosa, para se apropriar do conhecimento, o que será útil numa próxima etapa.

Gráfico 3 – Sugestões para melhorar das aulas do “Projeto Sempre é Tempo de Saber”



Fonte: Dados coletados via questionário aplicado pela pesquisadora em novembro de 2011.

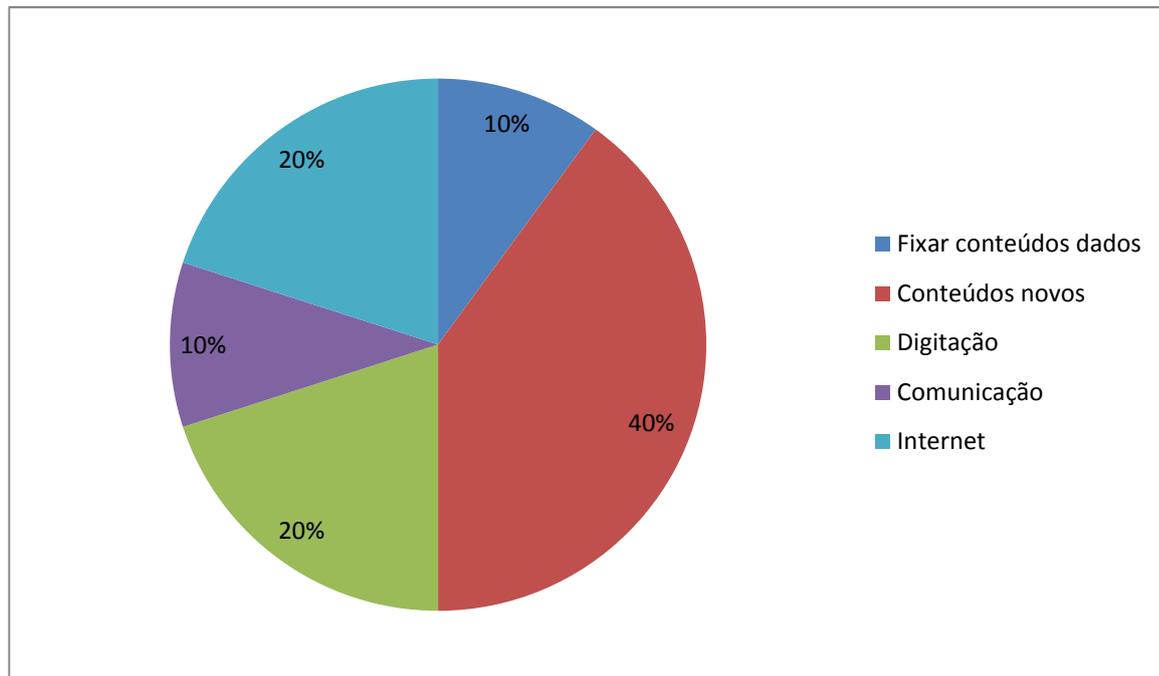
A avaliação do projeto pelos alunos-idosos foi muito positiva e o que almejavam, enquanto sugestão principal, era a continuidade do projeto, com ampla divulgação e carga-horária maior do que a oferecida. Esta avaliação foi satisfatória na concepção das monitoras-voluntárias, as quais puderam perceber que os objetivos do projeto estavam sendo cumpridos e que os idosos são capazes de aprender, basta que se oportunizem condições para que o aprendizado aconteça.

Numa avaliação geral das monitoras-voluntárias, valeu a pena o empenho que tiveram em preparar as aulas de informática e atender a esta categoria geracional tão dedicada e comprometida com os novos saberes, que se fazia presente nas manhãs frias de inverno e em ocasiões chuvosas, demonstrando sua ética, solidariedade e responsabilidade com o grupo.

Numa análise crítica junto às monitoras-voluntárias, através de entrevistas, realizadas no primeiro semestre de 2012, e da dialogicidade, observa-se que o idoso sabe o que quer aprender, ele tem muito claro a sua área de interesse e o objetivo para a aquisição desses novos saberes. Outro aspecto que podemos evidenciar é a expressão de alegria e gratidão que o idoso demonstra quando se apropria de novos conhecimentos. A troca de conhecimentos entre idosos e acadêmicas de Pedagogia foi muito rica para ambas as partes.

A sugestão de continuidade do curso foi acatada, o que propiciou ampliar o tempo de coleta de dados e de ação interventiva e educacional junto à terceira idade, que reiniciou em março de 2012 e perdurou até novembro do mesmo ano. No que diz respeito a sugestões de conteúdos para a continuidade do projeto temos explicitado no gráfico abaixo.

Gráfico 4 – Sugestões de conteúdos que gostariam de aprender no “Projeto Sempre é Tempo de Saber” em 2012.



Fonte: Dados coletados via questionário aplicado pela pesquisadora em novembro de 2011.

O gráfico 4 é representativo da questão sobre quais conteúdos gostariam de aprender no ano seguinte, caso o curso tivesse continuidade e o que nos chamou a atenção foi a sede por novos conteúdos, explicitados por digitação, comunicação e internet, mas um ponto que merece destaque também é a consciência da necessidade de reforçar ou fixar os conteúdos dados.

Para as monitoras-voluntárias do projeto o reinício das atividades no ano de 2012 demarcou um grande desafio, pautado na paciência e numa revisão geral das aprendizagens.

A questão do reforço de conteúdos, mais do que um pedido, pautado na clareza dos alunos-idosos e de sua condição de apreensão de conhecimentos, é pertinente e se justifica nos aportes teóricos, que evidenciam a decadência da memória e a dificuldade em memorizar conteúdos novos como um fator característico desta categoria geracional. No entanto, é com afetividade e respeito, devido aos idosos, que as educadoras mostram que é possível aprender informática e manter-se como sujeito proativo no mundo.

Numa avaliação geral das monitoras-voluntárias o espaço do Projeto Sempre é Tempo de Saber foi extremamente favorável à aquisição de aprendizagens evidenciadas pelos relatos abaixo:

A apropriação do conhecimento tecnológico pelo idoso tem o poder de devolver sua autoestima à alegria de viver de saber que ele ainda é um ser capaz. Também na busca de

afetividade, o de estar com o outro e sentir-se feliz. [...] Como pessoa o projeto me mostrou o grande presente que é poder trabalhar com a terceira idade e absorver dela o conhecimento acumulado através dos seus relatos de vida de suas experiências ímpares. Mostrando que ensinar e aprender acontece em todos os períodos da nossa vida. (A. I. I. S.)

Vejo o trabalho pedagógico no projeto como uma ação educativa, pautada em disponibilidade e carinho com as pessoas da terceira idade que se mostram com muita vontade de aprender. Como contributivo profissional atuar no projeto foi um aprendizado magnífico, de responsabilidade e do que é ensinar e aprender. (M. L. A. S.)

Tomando por base os relatos das estagiárias percebe-se que é prazeroso trabalhar com os idosos, e quem tiver a oportunidade de conviver com esta categoria geracional terá uma experiência muito rica e única. O aprender e o ensinar são exercícios contínuos e que valem à pena quando existe interesse, compromisso social e pedagógico dos agentes envolvidos.

Considerações Finais

Ao desenvolver esta pesquisa passamos a ter uma compreensão da educação em sentido macro, como um processo formativo e contínuo, que vai desde quando nascemos até a morte, e que se efetiva não apenas no espaço escolar, mas em todo e qualquer espaço social de vivência e articulação humana.

Considerando o âmbito de aprendizagem como o espaço mundo temos a esfera da educação e/ou pedagogia social, a qual é voltada à integração do indivíduo na sociedade, de forma a emancipá-lo. A Pedagogia Social, por sua vez, tem suas linhas de pesquisa divididas em três domínios (sociocultural, sociopolítico e sociopedagógico) e, de acordo com Silva (2009), o domínio sociopedagógico tem como uma via de conhecimento e abordagem a terceira idade, e sua intervenção tem como objetivo principal o desenvolvimento de habilidades e competências sociais, que permitam a superação das condições que caracterizam a exclusão social dessa faixa etária. No caso estudado, o caminho de superação trilhado dentro do Projeto Sempre é Tempo de Saber é a alfabetização ou inclusão digital do idoso, através da aprendizagem da informática, a qual reativa a autoconfiança e dimensionamento participativo do idoso no âmbito das relações humanas e virtuais.

Enfim, concluímos que não existe idade para adquirir novos saberes, a vida se torna muito mais bela e gratificante quando estamos em contato com as pessoas, integrados no mundo e na sociedade. Para os aprendentes, independente da faixa etária, e para quem ensina, a experiência é única, a troca de conhecimentos é muito forte e recíproca, onde quem ensina aprende e quem aprende também ensina.

Recebido em 20/04/2013
Aprovado em 01/06/2013

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: 70, 1977.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. *Pontos de Psicologia do desenvolvimento*. 12 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BELLAN, Zezina Soares. *Andragogia em ação: como ensinar adultos sem se tornar maçante*. São Paulo: SOCEP, 2005.
- BRASIL. *Estatuto do Idoso*. Brasília-DF: Congresso Nacional/Imprensa Oficial, lei 10.741, de 01 de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm Acesso em 16/03/2013. 14:30h.
- BRASIL/IBGE. *População brasileira envelhece em ritmo acelerado*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Sala de Imprensa. 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272. Acesso em 16/03/2013. 10:40h.
- ERIKSON, Erik. *Infancia y Sociedad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1959.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o Educador Social*. São Paulo: Cortez, 2010.
- GUERRA, Liris Rosalina Kröni. *Projeto "Sempre É Tempo De Saber – Alfabetização e Inclusão Digital Para Terceira Idade"*. União da Vitória-PR. Relatório de Projeto de Extensão Apresentado a Copertide. MIMEO, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 5 ed. São Paulo; Atlas, 2003.
- LIMA, Claudia Regina Vieira. *Políticas públicas para idosos: a realidade das instituições de longa permanência no distrito federal*. Brasília-DF: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2011. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/6005/politica_idosos_lima.pdf Acesso em 16/03/2013. 18:00h.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Flávia da Silva. As Abordagens Educacionais nas Políticas Públicas para a Pessoa Idosa. In: LARA, Angela Mara de Barros; DEITOS, Roberto Antonio (orgs). *Políticas Educacionais: um nome de proposições e reformas educacionais*. Cascavel: Edunioeste, 2012, p. 347-377.

PARK, Kil Jin Brandini. Inclusão digital. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro; CARCINEL, Amarildo (orgs). *Palavras chave em educação não formal*. Holambra-SP: Setembro, 2007, p. 173-174.

PETRUS, Antoni. Terceira Idade e educação social. In: ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: Educador Social*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 81-95.

SILVA, Roberto da; SOUZA NETO, João Clemente de; MOURA, Rogério. Pedagogia social como nova área de concentração. In: SOUZA NETO, João Clemente de; SILVA, Roberto da; MOURA, Rogerio. (Orgs.) *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão e Arte Editora/FAPESP/UNESCO, 2009, p. 307-309.